



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DAS ARTES - ICA
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA - ETDUFPA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM TEATRO

ANA LUIZA PINHEIRO ARAGÃO

ÚTER(O)CA: a poética de um corpo abrigo

BELÉM 2019

ANA LUIZA PINHEIRO ARAGÃO

ÚTER(O)CA: a poética de um corpo abrigo

Orientadora: Profa. Ana Luiza Firmeza Rocha

BELÉM - PA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema
de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

A659u Aragão, Ana Luiza Pinheiro Aragão
Uter(o)ca: : a poética de um corpo abrigo / Ana
Luiza Pinheiro Aragão Aragão. — 2019.
47 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Ana Luiza Firmeza
Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Belém, 2019.

1. Corpo materno . 2. Dramaturgia de atriz. 3. Escrita
autobiográfica. 4. Memória. I. Título.

CDD 792



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO



ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 17 dias do mês de dezembro do ano de dois mil e Dezenove, às 18h, reuniu-se na sala 15 (quinze) desta ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos docentes: Prof.^a M.^a Ana Luiza Firmeza Rocha (Orientadora e Presidente), Prof.^a Dr.^a Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida (Examinadora interna), Profa. Dr.^a Andréa Bentes Flores (Examinadora interna) e Prof.^a Me. Cláudia do Socorro Gomes da Silva (Examinadora interna) para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna **ANA LUIZA PINHEIRO ARAGÃO**, intitulado: “**ÚTER(O)CA: a poética de um corpo abrigo**”. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi Aprovado com conceito Excelente
com as seguintes observações: distinção e recomendação de
publicação

e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 17 de dezembro de 2019

Profa. M.^a Ana Luiza Firmeza Rocha
Orientadora e Presidente

Prof.^a Dr.^a Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida
Examinadora Interna

Profa. Dr.^a Andréa Bentes Flores
Examinadora Interna

Prof.^a M.^a Cláudia do Socorro Gomes da Silva
Examinadora Interna

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processo foto copiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, so poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura: Ana Luiza Pinheiro Aragão

Local e data: Belém - Pará 17 de Janeiro de 2020

RESUMO

A referente pesquisa é um memorial descritivo que apresenta o desenvolvimento de um pensamento íntimo sobre o processo criativo e de pesquisa da performance *ÚTER(O)CA: a poética de um corpo abrigo* que parte da relação da artista pesquisadora diante à transformação do seu corpo, a partir da sua primeira gestação, sendo este corpo materno indutor para sua construção cênica. A pesquisa tratada neste TCC apresenta reflexões sobre seu processo de criação, os recursos e procedimentos acionados para a construção do solo. Entende-se o trabalho como um processo de reencontro ancestral, tendo como alicerce situações de seu cotidiano materno, com o entrelaçamento de sua história de vida pessoal e acadêmica.

Palavras-chave: corpo materno, dramaturgia de atriz, escrita autobiográfica, memória.

ABSTRACT

A reference research is a descriptive memorial that presents the development of an intimate thought about the creative process and performance research UTER (O) CA: a poetics of a body protected by the relation of the researcher artist in the face of the transformation of his body, from its first gestation, this being the maternal body inducing for its scenic construction. A research dealt with in this TCC presents reflections on the creation process, the resources and procedures used for the construction of the soil. Understand work as an ancestral reunion process, based on situations of your maternal daily life, with the intertwining of your personal and academic life history.

Keywords: maternal body, actress dramaturgy, autobiographical writing, memory.

INTRODUÇÃO

“Há um saber do corpo. O corpo sabe o mundo, convive com ele. Sabe as coisas ao tocá-las. Conhece e reconhece. Os corpos comunicam-se, interpenetram-se. Na guerra universal, travam-se batalhas corpo a corpo. O corpo passa a interessar no momento em que o homem, atento a relações com os outros e com o mundo, percebe que é mais do que instrumento de trabalho” [Schüler, 2000. pág. 105]

Esta escrita é um memorial poético e tem como objetivo apresentar reflexões acerca das transformações do corpo materno durante e após a sua primeira gestação, descobrindo o seu corpo como elemento primordial para a concepção da sua criação cênica. Esta pesquisa percorre por histórias de amor, memória e ancestralidade. E tudo aqui é escrito como “sussurros do coração” [1995], é o registro de uma mulher, mãe, que se reconhece enquanto artista e pesquisadora.

Aqui encontraremos registro de um pensamento íntimo sobre seu próprio corpo, sobre histórias de vidas, sobre uma poética e dramaturgias registradas através de imagens, poemas, músicas e o que mais couber. Tal pesquisa parte da necessidade de aprofundar-se em estudos sobre os experimentos cênicos desenvolvidos em disciplinas ocorridas no percurso enquanto discente do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Pará.

“ÚTER(O)CA: a poética de um corpo abrigo” é a plantAÇÃO de uma história. Viva e em constante movimento, PARTE dela tem dois anos e oito meses, todos os dentes já nasceram sendo QUE dois deles vieram nessa última semana, com direito a febres e muitas mamadas EM sono noturno. Se tu és homem peço GENTILEZA ao ler sobre um corpo materno que SE REVELA em emoções íntimas. Minha pesquisa se dá em um movimento diário que partiu de uma vida gerada no meu útero - OCA, tem olhares atentos, um corpinho firme com passos apressados que acompanham mãozinhas “nervosas” aptas para desvelar os mundos diante DE si. Peço a vós que inicia a desventura dessa escrita, que abra as portas de si e se permita viver esse estudo autobiográfico; este **corpo-materno** poderia ser de tua filha ou de tua companheira ou lembranças que um dia a tua mãe pensou em registrar e dizer. Se for mulher, apenas me abrace. Se for mãe, me abrace mais UMA vez e me receba com carinho. Em cada linha poderá conter referências a uma VIDA QUE FLORESCE.

Aqui nesta introdução convido e conduzo vocês, leitoras e leitores, a caminharem por uma escrita pessoal, fragmentada e muitas vezes interrompida pelo exercício de ser mãe.

A cada retorno para tecer a escrita da minha pesquisa, pedia aos céus para não ser interrompida, mas era quase em vão. Meu trabalho se dá no movimento diário de um corpo-materno-acadêmico, em registro de emoções de uma história. Parte dela se entrelaça a uma vida gerada em meu útero. Peço a vocês, iniciantes na desventura desta escrita, que abram as portas de si e se permitam a vivenciar um estudo autobiográfico.

E mesmo que esteja carregada de clichês, direi aqui que estou a narrar uma história de amor, uma história minha, mas construída por muitas outras mãos. Coloco-me aqui como um corpo a testemunhar através da escrita desta pesquisa a minha própria história, a história da minha gente. Conto e reconto memória minha, memória chegada a mim pela oralidade. E deixarei nas páginas a seguir os detalhes que tocam e permeiam o meu existir.

Início este registro ancestral no Capítulo I, denominado “De volta ao umbigo, o centro”, onde reencontro minha *placenta-genealógica*, convocando meus pais, avós e bisavós. Direcionando de que forma a minha história de vida pessoal está presente ao meu trabalho artístico.

Em constante diálogo com os teóricos que guiam minha jornada nesta pesquisa, impulsionada por minha orientadora, trago reflexões sobre os escritos da professora universitária bell hooks – “Vivendo de Amor”, dos poemas de Angélica Freitas presentes no livro – “Um útero é do tamanho de um punho”, de Darcy Ribeiro, em “O Povo Brasileiro”, da pesquisadora Thaís Virga, com seu artigo “Fronteira, urbanização e desenvolvimento da Amazônia sul- americana”, dos escritos da artista e professora universitária Wlad Lima, de Richard Bach: A história de Fernão Capelo Gaivota [1970], de Gaston Bachelard, em “a Poética Do Devaneio”, de Duque-Estrada com “devires autobiográficos”, de Renato Ferracini com “a arte de não interpretar”, de Gilberto Gil e de Caetano Veloso também presentes nesta escrita.

Em um terceiro momento descrevo os caminhos que percorri para a concepção dos experimentos cênicos desenvolvidos nas disciplinas: Dramaturgia do ator, dramaturgia da Luz e Visualidade, onde pude criar exercícios dramaturgicos e dispositivos cênicos que deram suporte para a construção do solo/performance “*ÚTER(O)CA*”.

A mãe vai

A mãe vai abandonar o filho
A mãe vai ficar sozinha
A mãe vai ficar magra demais
A mãe vai ficar gorda demais
A mãe vai incomodar no ônibus, em casa, na rua, no avião, na universidade...
A mãe vai pra onde ela quiser
A MÃE VAI se FORMAR
A mãe vai desistir do SONHO
A mãe vai comer uma comida fria
A mãe vai pouco dormir
A mãe vai à praia
A mãe vai ter medo de usar um biquíni
A mãe vai transar
A mãe vai deixar de transar
A mãe vai carregar uma ou duas crianças que dormiram a caminho de casa e atravessar a rua mal iluminada (e está tudo bem?)
A mãe vai ser filha
A mãe vai ser irmã
A mãe vai ser amiga
A mãe vai à feira
A mãe vai à universidade
A MÃE VAI ESCREVER UM LIVRO
A mãe vai enterrar um filho
A mãe vai inventar histórias
A mãe vai comer um bolo SOZINHA
A mãe vai se apaixonar
A mãe vai esquecer-se de escovar os dentes por duas noites seguidas
A mãe vai comprar um carro e abrir uma empresa
A mãe vai ser esquecida
A mãe vai cuidar do filho
A mãe vai ficar doente
A mãe vai ao trabalho
A mãe vai ficar em casa
A mãe vai sempre trabalhar
A MÃE VAI FICAR COM A BLUSA MOLHADA DE LEITE
A mãe vai fazer uma prova
A mãe vai comemorar o seu aniversário
A mãe vai casar
A mãe vai viajar
A mãe vai amar
A mãe vai amar outra mãe
A mãe vai ao BAR
A mãe vai aos finais de semana vestir um vestido e colocar um sapato e vai à festa dançar ou vai a praça vender bombons.
A MÃE VAI MORRER

Inspirado no poema **A mulher vai** de Angélica Freitas, do livro **“O útero é do tamanho de um punho”** e no pixo **“O mundo veio do útero porra”** escrito na parede do Teatro Universitário Cláudio Barradas.

Capítulo 1. De volta ao umbigo. O centro

Um dos meus maiores desejos na vida era poder conhecer um lugar onde na infância eu sonhava viver, imaginava um lugar onde poderia deitar no chão de terra batida sem que alguém me tirasse de lá, que pudesse sentir seu cheiro, sua temperatura, que pudesse contemplar as minhocas na terra, o rio, o céu sem saber das horas, onde pudesse me banhar num rio que só de olhar já saberia nadar. Onde o verde da mata me cobrisse de frescor, que pudesse ouvir o estalar dos passos das formigas ao caminhar nas folhas secas, que não temeria o escurecer, assim como os bichos que naquele chão compartilhariam o mesmo espaço. Esse lugar do meu imaginário infantil surgiu alimentado pela história que ouvi de meu pai, que este ouviu de meu avô e que escrevo nestas linhas.

Nasci e cresci na cidade, rara foram às vezes que na infância com meus pais visitei um lugar fora da cidade, nunca viajamos juntos para o interior do nosso estado, e muito menos para outra região do país. Não havia planejamento financeiro e muito menos parentes para que fizéssemos visitas para lugares fora do centro urbano. Mas me alimentava da ideia de um dia me “enfiar dentro do mato” como ouvia de meu avô paterno que trabalhava como topógrafo pelo interior do estado, ele gostava de estar longe da cidade e eu ainda criança sonhava em um dia fazer um trajeto inverso que meus antepassados fizeram.

Tudo começa com a minha bisavó paterna que vem junto com os pais para Belém, saíram de Letícia na Colômbia, cidade fronteiriça com Tabatinga no Amazonas. Carregava com ela o mesmo nome da cidade onde nascera, pois minha bisavó também se chamava Letícia e meu bisavô paterno tem seu nascimento em terras às margens do Alto Rio Solimões. Na infância era comum ouvir de meu avô Aragão a afirmativa de que seus pais eram índios, assim apresentando esse pequeno fragmento de nossa genealogia e sua escolha por não querer trabalhar na cidade. Sabendo disso só aumentava meu desejo em conhecer esses territórios e meu imaginário era alimentado por uma ideia romantizada de uma vida harmoniosa com a natureza nestes lugares.

Mas estes territórios passavam por outra realidade, como apresenta Taís Virga em seu artigo: *Fronteira, urbanização e desenvolvimento da Amazônia sul-americana: compreendendo disparidades nas cidades “gêmeas” de Letícia (Colômbia) e Tabatinga (Brasil)*. “A história de Letícia, diferentemente da opção estratégica e previdente de Tabatinga no Brasil, tem sua fundação e formação marcada por intensos conflitos” [UNICAMP, 2017, pág.3]. O que me faz pensar que os motivos que levaram meus bisavós a saírem do seu lugar de origem, estão nesses conflitos territoriais, pois eu nunca soube o que de fato os trouxeram para Belém. Nenhuma novidade se pensarmos na formação da nossa população como declara Darcy Ribeiro:

“é uma ilusão dos historiadores que trabalham com documentação escrita, a suposição de que onde havia uma aldeia de índios e onde floresceu depois uma vila brasileira, tenha ocorrido uma continuidade se convertendo na outra. Em todos os casos examinados por nós, numerosíssimos, isso não sucedeu. Os índios foram morrendo, vítimas de toda a sorte de violências, e uma população neobrasileira foi crescendo no antigo território tribal” [2015, pág.50].

No entanto, a gana em conhecer os territórios de meus bisavós, tornou-se o meu pré-projeto de pesquisa para conclusão de curso, com o objetivo principal em realizar um trajeto inverso, saindo de Belém até Letícia e assim construir um experimento cênico partindo da busca e do encontro com o lugar de nascença de meus bisavós. O que não ocorreu, pois a minha trajetória como acadêmica foi sendo guiada por outros rumos, e com isso a gestação da minha filha Aurora.

Minha história se entrelaça a esta gente, gente de lá das terras fronteiriças do Amazonas e Colômbia, do Rio Solimões, que povoaram meu imaginário na infância e me acompanharam até a vida acadêmica, me impulsionando a buscar inspiração e força para trilhar o meu caminho como mulher latina americana, acadêmica e artista, pesquisadora e mãe.

A história de meu bisavós é apenas um pedaço muito importante de minha história. Crescida na periferia de Belém, tive minhas primeiras lições sobre ocupação urbana quando em primeiro de Janeiro de 1996, depois de outras tentativas, um grupo de dezenas de pessoas, **corpos-invasores** iniciam a ocupação urbana de uma área de terra abandonada que logo depois veio a se tornar o Conjunto Residencial Raimundo Jinkings (atualmente Romulo Maiorana). O endereço que não esqueço nunca: Rua Pedro Pomar nº2, entre as ruas Juscelino Kubitscheck e Oscar Niemayer cruzada por Paulo Fonteles e Luís Carlos Prestes. Foi por estas ruas que conheci os amigos de infância, onde vi ainda muito jovens algumas amigas gerando e parindo os seus primeiros filhos. Foi na escola pública “Aldebaro Klautau”, bairro do Tapanã, que iniciei os estudos, onde aprendi a ler e escrever. Aprendi logo cedo a observar as contradições do ensino educacional de nossas escolas públicas. Abaixo a imagem das maiores contradições que me foram ensinadas, nos diziam que seríamos o futuro da nação. Mas não. Não nos davam nenhuma chance de viver nossas escolhas no presente. Evidentemente nós seríamos o futuro, porém perguntava-me: que futuro será esse?

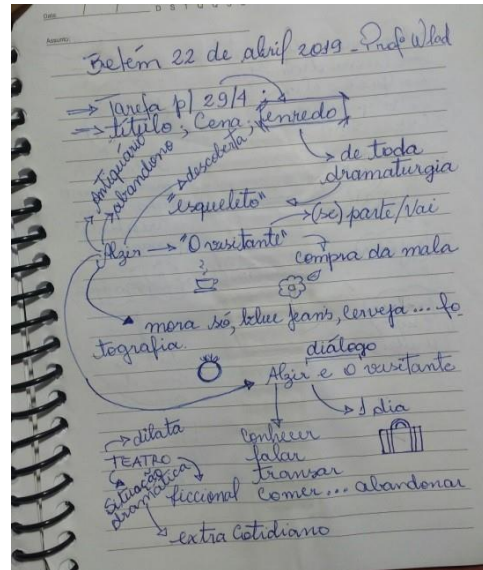


Arquivo pessoal da família, 1997

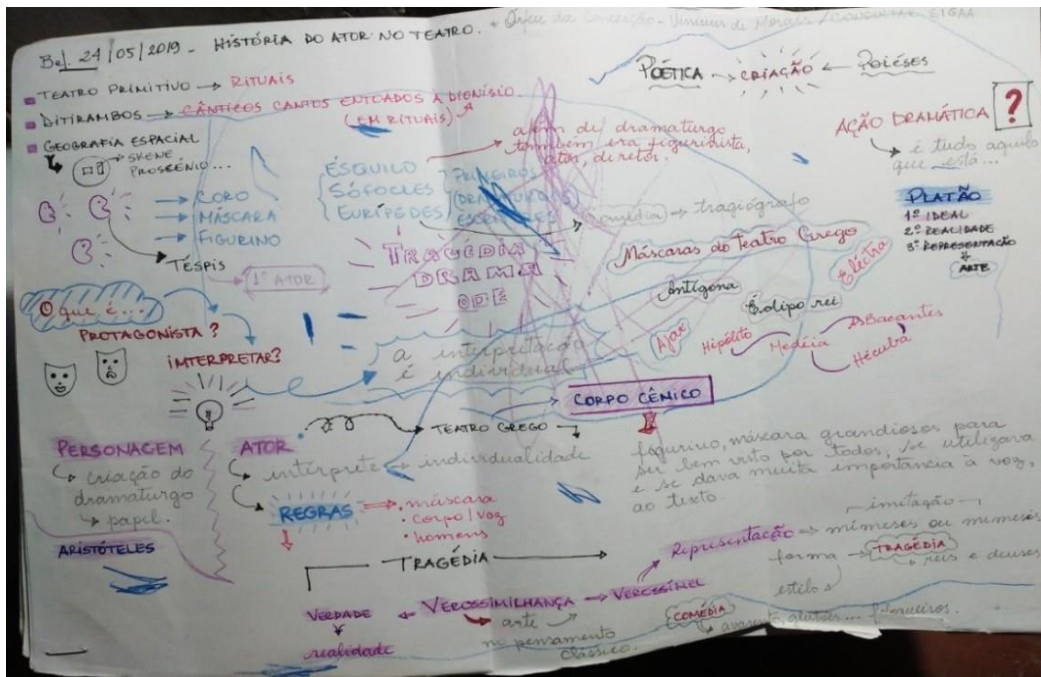
A maioria das crianças estavam eufóricas, cada um já havia entregado para a professora uma quantia em dinheiro para que pagasse o serviço da fotografia. Em fila aguardava minha vez. No momento exato desta foto, lembro-me como agora o tremer do corpo, um corpo calado. Diziam algumas crianças que a foto “queimaria”, por conta da cor da minha pele, por não ser bonita. Raiva era tanta que não sorri, não havia motivos, me sentia confusa, com a expectativa em me ver na fotografia, e a ideia da professora me dizendo que eu seria o futuro da nação. Pois, o futuro dessa imagem é o presente do que eu sou, mãe, artista-pesquisadora, que escreve sua história num processo de cura onde percorre na memória as dores que seu corpo carrega, gerando potências para sua criação artística e reflexões enquanto professora de teatro. Cura do próprio ato de escrever, pois na escola atos de represália e de exposição, foram corriqueiros, pois não possuía a habilidade em escrever com tanta rapidez. - Criei mecanismos que falharam e nada me ajudaram, escrevia de maneira fragmentada, como colagens ou como resumos dos textos escritos pela professora em toda extensão do quadro negro, era uma saída para mostrar que realizava a penosa tarefa de escrever do quadro. Uma vez descoberta, fui chamada atenção em público, era só uma criança. Nunca perguntaram nada sobre o ato de escrever, somente represálias, isto só revelava um sistema educacional falido, reflexo de uma construção social erguida no autoritarismo e na submissão dos corpos. O que mais me encantava no ato de escrever era poder ver a letra bem escrita, quase desenhada, o que ainda me encanta. Em casa passava horas enfiada em cadernos de caligrafia, em casa exercitava uma escrita livre e já chegando à adolescência escrevia cartas para os parentes distantes de uma amiga, não sei se as cartas foram entregues, mas recordo de ter escrito com muito prazer, ela me dizia o que escrever e assim exercitava minha escrita.

Quando afirmo que este trabalho de conclusão de curso faz parte também de um processo de cura do meu exercício de escrita é pelo fato de enxergar as falhas no meu processo de aprendizagem no ensino fundamental, se refletindo no meu ensino superior. É perceber que dentro da academia aquele quadro negro preenchido anteriormente pela professora ainda existe, mas que agora deve ser preenchido por mim, esbarro-me em formatos cristalizados que tencionam o meu corpo, enquanto crio ou assumo um formato outro vou mantendo a cristalização desta forma.

Em diálogos com a Professora Dr^a Wlad Lima em consultas na ação do Consultório Dramático, pelo projeto *Clínicas do sensível*, projeto coordenado pela mesma, tive a oportunidade de falar sobre a minha insegurança e dificuldades na produção escrita na universidade e o quanto me sentia sem estímulos. Neste encontro a professora apresentou-me a Facilitação Gráfica, a chave para uma possível organização do meu conhecimento e de configuração de uma produção escrita. Abaixo alguns exercícios desenvolvidos em sala de aula.



caderno pessoal da artista



caderno pessoal da artista com as garatujas de Aurora, sua filha.

Ananindeua – Aurá

E mais uma vez eu devoro com toda minha fome um prato de comida frio, e somente na última garfada percebo o quanto a comida estava fria, um prato simples: espaguete com alho, tomate e espinafre. Lembrei-me de todas as outras vezes em que comi a comida fria e sozinha, ou quando estava quente mais minha filha estava em meu colo mamando. Lembrei-me de todas as atividades, leituras e escritas que atrasei porque acabei dormindo junto com cria, o sono, o cansaço, já havia me laçado. Queria gritar, como na virada de ano novo, quando tinha 20 anos que ao chegar na beira mar com a respiração ofegante pela corrida, gritei, gritei e gritei com toda a força que o meu corpo magro carregava. Pois nesta noite onde me pesa o prato de comida fria, pesa também aqueles olhares de desconforto e julgamento por estar eu minha filha às 21h 50 no ônibus lotado retornando pra casa, me pesava a ajuda precária que recebia, me pesava os olhos cansados dos estudantes, trabalhadores, bêbados, das grávidas, das mães e sobretudo os meu olhos que insistiam a brilhar, agradecendo a cada ajuda, desejando boa noite, mesmo com o corpo todo moído de ter que carregar a filha que despencava de sono. Queria no meu desejo altruísta lavar os pés dessa gente toda com alecrim, e trazer às mãos a autoestima, queria vê-los sorrir por estar a voltar para casa, queria com minha filha à ilharga erguer os braços e naquele ônibus deflagrar uma revolução. Que ousadia a minha, eu Ana Luiza, vinte e oito anos, filha de professores, crescida em terras de invasão urbana, mãe, artista de TEATRO, pesquisadora e MULHER. Que ousadia a minha querer no ônibus lotado deflagrar uma revolução, no meio da BR 316, num ônibus lotado. Que tolice a minha querer trazer as mãos do povo, a fala, a memória, a sede por justiça, sede por educação, sede por qualidade de vida, sede de sentir sede! E sobretudo, sede de amor. Que ousadia a minha, com os cabelos presos, com filha no colo e a blusa esgarçada para lhe dar de mamar, com boca seca, os olhos brilhosos, com o corpo tremendo de fome e ainda assim querer deflagrar uma revolução. Que ousadia a minha querer revolução, amor, educação e teatro onde se pisa em chão torto enlameado. Que ousadia a minha em insistir na escritura do meu trabalho de conclusão de curso. Que ousadia a minha ter orgulho em ser filha de professores e buscar por uma formação em Licenciatura em Teatro. Que ousadia a minha querer ser ousada nesse mundo. Nós artistas, pesquisadores

e professores, somos ousados por apenas ser a nós um brinde pela nossa existência.

28.11.19

1.1. O exercício da observância

“Mas Fernão Capelo Gaivota – sem se envergonhar, abrindo outra vez as asas naquela trêmula e difícil curva, parando, parando, parando...e atrapalhando-se outra vez!

A maior parte das gaivotas não se preocupa em aprender mais do que o simples fato do voo – como ir da costa à comida. Para a maioria, o importante não é voar, mas comer. Para esta gaivota, contudo, o importante não era comer. Antes de tudo o mais, Fernão Capelo Gaivota adorava voar”.¹

Não saberei precisar a data em que adquiri o livro de Richard Bach: A história de Fernão Capelo Gaivota [1970]. Mas recordo que comprei num sebo improvisado feito de madeira, na feira do Tapanã. Depois de ter passado os olhos em tantos livros, encontrei este que escolhi sem fazer nenhuma ideia do que viria desvelar em sua leitura. A visita ao sebo era uma ação que costumava fazer aos finais de semana, geralmente no domingo em companhia de meu pai Manoel de Jesus. Íamos à feira para as compras do almoço, depois das compras feitas, iniciava-se a melhor parte da história que aqui descreverei. Era uma ação de observância do movimento da feira, dos seus trabalhadores e transeuntes. Meu pai costumava sentar numa das mesas do bar que ficava localizado na via principal da feira. Ali avistávamos todo tipo de pessoa, o peixeiro com seu facão a tratar o peixe a ser vendido, o cheiro da pimenta do reino que saía da máquina de moer e se espalhava até chegar pertinho de nossa mesa. Tinha dias que ficávamos até o fim do movimento de venda da feira, a última fotografia era do caminhão de coleta do lixo. Era uma apreciação que fazíamos quase em silêncio, percebia no olhar de meu pai uma satisfação na ação de observação da feira, deste modo penso que talvez fosse o meu primeiro exercício, o mais valioso da vida que meu pai me dava e que levei para o fazer teatral. Era quase sempre assim, já com sua cerveja servida, recebia de suas mãos uma quantia em dinheiro para eu comprar um pudim, o doce se tornaria a sobremesa preferida por mim e marcaria para sempre minha história. Recordo ainda, que levei certo tempo para compreender o nome daquela saudosa lanchonete, pintada em sua fachada seu nome: *SKHINNA*.

Quando penso na forma que escreveram a nome da lanchonete, penso o quanto aquela periferia transformava o seu modo de vida, pois não vejo apenas como um erro grave de ortografia, mas como a construção de outra maneira de escrita ortográfica, que por mais confusa fosse, era possível entender que naquele ambiente da feira o nome poderia ostentar uma ousadia em sua criatividade. Assim como o bar que contraditoriamente nomeava-se *Ressaca* e se mantinha sempre muito lotado.

Dos lugares que eu visitava na feira antes de parar e observar o movimento da mesma, era a citada lanchonete, um brechó e o sebo anteriormente mencionado, esses dois últimos lugares não recordo os seus nomes. E porquê estou a falar desse acontecimento em minha vida? Porque foi justamente na feira ao lado do meu pai e com o livro em mãos que um dos maiores voos da vida eu mentalizava com um grande desejo de realizar. Eu, aos dez anos, sonhava com o dia que ingressaria na Universidade Federal do Pará, um sonho talvez inusitado e muito difícil para uma jovem moradora da periferia, estudante de escola pública. Porém, havia uma expectativa, pois “filho de peixe, peixinho é”, filhas de professores todos nos viam como futuros professores, mas recordo que não desejava ser professora. TUDO MENOS SER PROFESSORA. Dizia eu, que gostaria de ser antropóloga, ou que seria presidenta do Brasil, mas Dilma Rousseff adiantou-se. As escolhas por esses caminhos se deRam por influência direta de meu pai, pois na infância lembro-me dele ir para a Universidade Federal do Pará, onde cursava Ciências Sociais e ficava encantada com o que ele me apresentava da ideia do ser universitário.

Agarrei-me à palavra pesquisadora e antropologia sem ao menos ter ideia de sua real corporatura. Já o gosto pela carreira política vinha atrelada à minha memória dos encontros e dos muitos comícios que participei em companhas com meus pais. Nos andaimes da construção de nossa casa eu subia e discursava umas frases estampadas na blusa que minha mãe usava, a imagem no centro era de uma mulher de braço erguido e punho fechado, as frases tratavam sobre os direitos das mulheres, era uma inspiração tão grande me ver representada numa simples blusa, que passei a sonhar com carreira política para dar voz a outras mulheres como eu, como minha, minhas irmãs, primas, amigas, a nós mulheres. Meu pai inspirava-me a buscar também o caminho das artes, com algumas experimentações nas artes visuais chegando a participar de salões e editais de artes em Belém, o **corpo-artista** apresentava-se na observação da criação de meu pai com suas pinturas.

Como disse anteriormente meus pais não me inspiravam somente pela política e o interesse pelo ensino superior, mas me inspiravam a descobrir as artes e a educação, por mais que não me agradasse a ideia de ir para sala de aula como professora, pois no exercício de observância da minha mãe enquanto profissional, operária da sala de aula, a desvalorização deste profissional me distanciava da mesma gana que minha mãe levava para a labuta diária com seus alunos. O tempo encarregou-se para que me aproximasse cada vez mais, e foi através de minha mãe que descobri outra sala de aula, como espaço de transformação, um lugar de escuta e fala do educando. Minha mãe pedagoga, preste a se aposentar neste ano em que estou aqui registrando a memória e trajetória do meu corpo, abrigo de encontro de vidas e sobre ser abrigo de si, do ser mulher habitante nesta carne. Minha mãe enquanto professora sabia mediar muito bem a relação da escuta, da fala de seus alunos e sempre buscou e lutou por mudanças dentro do sistema educacional, minha mãe com seu espírito transformador e amoroso buscava métodos que permitissem ouvir os seus alunos. Sua sala de aula sempre passava por mudanças ou as cadeiras mudavam de posição ou ela mesma sentava-se com seus alunos, bem como estimulava a autonomia da criança no seu espaço de sala de aula. O que motivava minha mãe a acreditar e lutar pela educação era ver uma aluna com livro nas mãos, a poesia nunca lhe esteve ausente em sala de aula, sempre realizando projetos de leitura com seus alunos, contação de histórias e o teatro sendo desenvolvido em sala de trabalho. Segue as imagens dos territórios que cruzam minha formação.

Diretório Municipal do Partido dos Trabalhadores de Ananindeua - PA

422 Ananindeua - PA. 28/03/98

amos) do(a) Sr (a) *Aluísio de Jesus*

do Ananindeua, Filho

ância de R\$ *22,60* (doze reais e sessenta centavos)

e a *divisão de Ananindeua + La Parola*

3 + Taxa

APB

Aluísio

PT realizará no dia 10 pré-convenção do município de Belém

O Partido dos Trabalhadores (PT) em Belém, visando uma "real participação política dos trabalhadores e da comunidade em geral", está convocando todos os militantes do partido a participarem da pré-convenção e convenção municipal, que serão realizadas, respectivamente, nos dias 10 e 11 de dezembro.

A pré-convenção será realizada na sede da Caju, Almirante Barroso, 882. Na oportunidade serão discutidos o plano de trabalho do partido, o plano de ação política para o município de Belém e a formação do novo diretório municipal, que será referendado legitimamente no dia seguinte, durante a realização da convenção, a realizar-se na Câmara Municipal de Belém.

A discussão do plano de trabalho do PT e a deliberação dos atos internos do partido em Ananindeua foram algumas das temas discutidos na pré-convenção do PT do município de Ananindeua, realizada no domingo último, na Câmara Municipal. Na oportunidade foi apresentada a lista de votantes, eixos, no dia anterior, quando se realizou a pré-convenção do partido.

O núcleo é formado pelo presidente José Odeiro e pelo vice-presidente Halmundo. Outros Cruz Frazee por parte do diretório: Socorro, Almeida, tesoureira, e Manoel Aragão, secretário geral. Na convenção foi discutido e aprovado o Estatuto Municipal dos Militantes do PT em Ananindeua, que será realizado na primeira quinzena de janeiro de 99.



"O Il Spac não tem uma tendência, um compromisso universal. O que pesa neste salão é a qualidade das obras".

convidados, destaque: Iberê Camargo, Leda Catunda, Sérgio Romagnolo, Siron Franco, Daniel Senise e Tomie Ohtake, considerada a imperatriz da pintura nacional, que não somente esteve com grandes telas expostas, como

... como os exemplos: as conquistas internacionais de Luis Braga e Emmanuel Nassar; e a coletiva "Art In Paradise", de treze estetas paraaras em Miami, acontecida no ano passado.

O Il Spac é promoção do Governo do Estado, totalmente desenvolvido pela Secretaria de Cultura - gestão Guilherme de La Penha, tendo o copatrocínio da Companhia Vale do Rio Doce e Estacon Engenharia, e estará no térreo do Centur (av. Gentil Bittencourt nº 650), a partir de 13 de maio até o dia 30 de junho.

Os coordenadores do salão pretendem lotar a noite do vernissage, dia 13/05, com 3.000 convidados.



Trabalho de Manoel Aragão



Certo período na minha infância, tivemos que morar na casa de minha avó materna Jacirema. Não recorro muito com exatidão do ano em que chegamos em sua morada, talvez por volta de 1995/1996 quando saímos da casa de meus avós paternos em Ananindeua. Alameda quinze, casa noventa, endereço que carregou no meu corpo. A primeira lembrança que eu tenho desse encontro foi com uma mulher negra, robusta, estatura baixa, com ar de autoridade e alegria exalando por seu corpo, era uma mulher dura, forte.

Diferente da minha avó paterna Tereza, magra, silenciosa que demonstrava muito carinho e cuidado para mim e minhas irmãs, suas únicas netas que moravam em sua casa. Jacirema, matriarca deste outro lar, no bairro do Tapanã, sem se importar se me ensinava algo além da obediência que deveria ter a ela, ensinava-me sobre deixar o **corpo-livre** para ouvir e dançar. Uma mulher negra de sorriso largo, gargalhada forte, que dava para ouvir na outra rua, sem exageros. Gargalhada que saía facilmente a qualquer hora do dia, assim como seus ralhos. Cuidava de seus netos como ela dizia, “sem frescura”.

Naquela casa, com esta mulher, tive contato com outros modos e mundos, sonoridades e **corpos-dançantes**, suas amigas de manhã ou ao final da tarde apareciam. E se tinha música tocando na sala de estar faziam festa. Vez ou outra minha avó pegava-me pelo braço e eu **corpo-franzino**, colada contra seu corpo, deixava-me levar pelo seu bailar, pelo seu girar. Gira, gira, gira! Foi na morada desta mulher que meu corpo aprendeu a respeitar os santos e caboclos da mata. Foi com esta mulher que aprendi a respeitar e admirar o giro da barra da saia da gira. Não recorro de receber muitas demonstrações de carinho, era como se ela não tivesse jeito de dar carinho e colo. Diferente de Tereza e de minha mãe, uma mulher forte, rígida e extremamente carinhosa, com seus filhos e netos. Neste recorte da minha memória ao falar dessas mulheres, principalmente de Jacirema, aciono a reflexão de bell hooks:

“A prática de se reprimir sentimentos como estratégia de sobrevivência continuou a ser um aspecto na vida dos negros, mesmo depois da escravidão. Como o racismo e a supremacia do branco não foram eliminados com a abolição da escravatura, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar passou a ser considerado um sinal de personalidade forte. Mostrar os sentimentos era uma bobagem” [2016, pág.10].

O ato de amar, de demonstrar carinho na família de Vó Jacirema, mostrava-se sempre muito conflituoso, meus tios e tias mostravam-se muito autoritários e rígidos, talvez pela formação profissional que eles tiveram, a maioria dos meus tios e tias são policiais militares, seguindo a mesma profissão do seu pai, meu avô materno. Minha mãe de certo modo caminhava pelo lado oposto, sempre demonstrando afetuoso carinho não somente a nós suas filhas, ampliando essa rede para seus sobrinhos e irmãos e me fazendo acreditar numa outra configuração social. É claro que na infância no espaço da casa de Vó Jacirema, tínhamos o espaço livre para brincadeiras e criações, mas o excesso de sensibilidade era visto como uma fragilidade, quase um defeito, deveríamos ser pessoas fortes, corajosas, alimentando em nossas mentes o exercício da superação, mas não o exercício de reflexão sobre aquilo que se desejava superar, como por exemplo, uma violência física, assédios, racismo. Mantendo-se superior a isto num possível “esquecimento” não realizando um pensamento crítico e reflexivo sobre os disparadores destas violências.

Exalação

O calor do sol entrando em minha pele lentamente, esquentando cada pedaço do meu corpo. Fechei os olhos e senti a areia da praia tão fina se entranhando por debaixo das unhas, o vento zunindo nos ouvidos e água chegando vagarosamente até mim. DESEJO. Numa inalação me entupi da realidade deste sábado, a mão secava rapidamente o seu corpo tão pequeno, o cheiro do shampoo lembrou-me que o celular necessitava ser colocado na tomada, que a resposta no whatsapp não foi feita porque dormi de cansaço ao fazer filha dormir. Na escuridão da beleza desse corpo cansado e solitário abro os olhos para acompanhar o teu corpo a se balançar numa canção inventada por teu bebenes, o corpinho desajeitado cria formas de se expressar. Na ira de ter perdido duas páginas, bato minha mão na porta, assusto tua infância e tu me chegas perguntando, o que foi mamãe?. Eu só queria escrever um poema. Filha me deixa sozinha eu preciso trabalhar! Impossível, dizia um ser dentro de mim. Ela na minha frente espirra. Noto a coloração da secreção, a menina está adoecendo. Putz!!! Filha eu preciso trabalhar! Levanto da cadeira lembrando do calor que é ver seu corpo dançando, meu corpo baila. Em pé escrevo mais um pouco, ela entra no quarto, o sorriso se abre dizendo: Acabou mamãe! Filha me deixa sozinha eu preciso terminar! No meu peito rasga um papel. O ponto final procuro, mas não acho.

Ana Luiza Aragão

07.12.19

Capítulo 2 – O teatro na palma das mãos

2.1 Das imagens à ação.

A influência de meus pais sobre o meu processo de descoberta e incentivo para as artes e educação é toda esta escrita, feminina, uterina, corporal. Recordo muito bem de quando folheando um livro me deparei com imagens de cenas do Espetáculo “O rei da Vela”, de Oswald de Andrade, na montagem do Grupo Oficina, com direção de José Celso Martinez Corrêa. As imagens dos corpos em cena marcaram pra sempre minha memória. O livro permaneceu guardado com muito carinho em nossas estantes e assim se mantém até os dias atuais. O nome de José Celso e do Grupo Oficina ficou gravado em mim como uma referência ao teatro brasileiro.

Após a conclusão do ensino médio, me preparava para o meu primeiro vestibular em 2010, neste mesmo ano surgiu uma vaga de emprego na função de operadora de caixa em um restaurante em uma área central de Belém. Em agosto deste mesmo ano a caminho do trabalho numa manhã de sol, o meu chamado. Zé Celso estaria em Belém com o Grupo Oficina apresentando ardorosamente como dizia no cartaz: DIONISÍACAS. Soube que estariam em Belém pelo jornal comprado pelo passageiro da frente no ônibus a caminho do trabalho. Soube que o grupo realizaria oficinas em espaços da cidade, na Escola de Teatro e Dança da UFPA. Infelizmente não pude participar das oficinas pela ocasião do trabalho no restaurante mas passei por quatro noites comungando de um primoroso trabalho realizado pelo Grupo Oficina. Via na minha cidade o nome que na infância marcou-me como referência ao teatro brasileiro, Zé me dava boas vindas, acreditei tanto no encontro com o trabalho realizado pelo Oficina que segui a ouvir o sussurro do meu coração.

O Teatro fez o seu chamado e somente em 2012 resolvi lançar meu corpo na busca pelo fazer teatral da minha cidade, deixando o meu emprego e a ideia do curso de Ciências Sociais. Início minha caminhada neste endereço, Riachuelo com 1º de Março, no Teatro Cuíra do Pará. Participei da oficina de interpretação com Leonel Ferreira, pelo projeto “Cuíra por Memória”. Ao término da oficina sigo no projeto para a montagem de “Barata, pega na chinela e mata!” escrita por Edyr Augusto Proença, com direção também do mesmo e de Leonel Ferreira. A dramaturgia escrita por Edyr Augusto traz um recorte sobre o contexto político no estado do Pará a partir da vida de Magalhães Barata, desde as eleições em 1955 até a sua morte em 1959.

Pisar no teatro-solo Cuíra mesmo que de maneira muito breve me fez ter uma visão da dimensão política de resistência que representava a permanência de um grupo de teatro na zona do meretrício de Belém - infelizmente o teatro Cuíra fechou as porta naquele endereço de trincheira indo enfrentar batalhas em outros solos. Foi no Cuíra que tive minhas primeiras lições-encantamentos do fazer teatro, do comprometimento com o outro e consigo. Tive contato com as integrantes do Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará – GEMPAC. Extraordinárias que carrego comigo a lembrança do convívio que tive com Lurdes Barreto, Cinderela, Vitória e Leila Barreto, parceiras de cenas, risos e compartilhamento de histórias de vida que me marcaram os meses de trabalho no projeto. Ainda no Cuíra tive contato com outros artistas da cena, com alguns alunos do curso de Licenciatura em Teatro e até alguns professores que me levaram a conhecer o ambiente da Escola de Teatro e Dança, de modo a me fazer querer conhecer a fundo o curso de Teatro da Universidade Federal do Pará.



Na busca por conhecer o fazer teatral da cidade, passo a frequentar outros espaços de produção e difusão artística. E na Fundação Cultural do Pará convivo com outros jovens assim como eu iniciantes nas artes da cena. Preparam-se para o espetáculo de fim de ano, com a dramaturgia de William Shakespeare – “Sonho de uma noite de Verão”, com direção de Leonel Ferreira e preparação e direção musical de José Maria Bezerra. Diferente da minha primeira experiência no Teatro Cuíra, onde meus personagens não tinham texto decorado, mas que me exigia um trabalho de pausas e ritmos a cada entrada e saída de cena, o que colaborou muito no desempenho do segundo trabalho em cena. Após duas experiências no palco pude experimentar o palco-rua, o **corpo-rua** junto a Trupe Nós os Pernaltas, que me propiciou outro tipo de encontro com o público e com o meu próprio corpo, este se percebendo mais uma vez na rua como um **corpo-invasor**, que faz da rua um lugar de trabalho. Ensaiávamos em praças e outros lugares cedidos a nós. Depois das apresentações públicas do espetáculo “Romeu e Julieta”, minha experiência junto ao grupo encerrou-se no mesmo ano (2013), para dedicar-me ao vestibular do ano seguinte com o desejo de cursar Licenciatura em Teatro.



ATO I - ORIGEM

Cena I: Antecedentes

Minha filha havia completado seu primeiro mês de vida há poucos dias e eu estava me recuperando do parto, estava vivendo o puerpério, que logo mais discorrerei sobre. Ainda me sentia desajeitada nesse corpo, minha cabeça estava confusa e queria retornar logo para as aulas pois me sentia preparada para isso. Nossa relação com o bebê seguia muito tranquila, apesar das noites mal dormidas. O André, meu companheiro, me dizia para ter calma. Eu, animadíssima, e mesmo com o bebê no colo, queria retornar logo às atividades acadêmicas. Assim, cheguei a minha primeira aula na disciplina Dramaturgia Pessoal, ministrada pelo professor Paulo Santana e, o mesmo, me chamou de – louca -, não de maneira ofensiva, mas por zelo e cuidado tanto comigo quanto com a minha filha. Não havia nenhum tom pejorativo em sua fala e, provavelmente, sua preocupação também se deu por estarmos em uma sala cheia de mofo, em plena reforma, o que poderia não ser nada bom para um bebê de apenas um mês de vida. Cheguei em minha casa aos prantos, e no dia seguinte, procurei a secretaria e coordenação do curso com o objetivo de protocolar o pedido para o *regime domiciliar*. Me ausentei. No início do mês de julho fui saber que o pedido não havia sido atendido. Esperei até o final das férias escolares e retornei às aulas oficialmente no dia dois de Agosto, com minha filha às vésperas de completar os quatro meses de nascida. Retorno para a mesma sala, agora com a reforma já concluída. Contando com a compreensão do corpo docente do curso concluo o semestre e sigo adiante. Esse seria um final feliz para essa narrativa, entretanto, isso não aconteceu com todas as disciplinas. Para o encerramento da disciplina Dramaturgia do Ator eu precisaria cumprir uma atividade, a escritura do artigo. Sem obter sucesso neste requisito para a obtenção da aprovação nesta disciplina, assumo o status de uma mãe_estudante RepRovAda. Retorno para o início do jogo, agora é ano novo (2018), turma nova e a mesma disciplina a cursar novamente. Conseqüentemente, para encerramento da disciplina e do semestre devo realizar novamente a atividade_receita: o artigo. Para este prato principal e avaliativo, preciso seguir algumas recomendações e alguns ingredientes: 1ª Recomendação: ler; 2ª Recomendação: ler muito; 3ª

Recomendação: construir um solo de cinco minutos e 4ª Recomendação: escrever. Ingredientes: duas xícaras (chá) de BACHELARD; uma xícara (chá) WLAD LIMA; uma xícara (chá) de DUQUE ESTRADA e uma colher bem cheia de alguma “cicatriz”. Modo de preparo: misture tudo e bata até obter a sua própria escrita. Estamos falando de um estudo que tem o seu corpo como objeto de pesquisa, no meu caso, um corpo materno que traz para uma construção cênica as aflições vividas em seu puerpério e a sua relação com este corpo durante este período, sendo assim o substrato para a montagem da cena “Mã(e)triz: Um corpo movente”, apresentada como atividade parcial para obter a conclusão da disciplina. Adoto um formato de escrita ensaística para esta difícil missão que é falar de si “como falar de si, como falar com verdade de si, como limitar-se ao imediato falando de si e fazendo da literatura o lugar da experiência original?” [BLANCHOT apud DUQUE-ESTRADA, 2009, pág. 19].

Cena II: Amanhecer total

O nada decompôs-se. Era o princípio
O som, fugido do silêncio, surgiu:
Cada coisa viva fez seu mundo. E vários mundos foram criados.
Verdes, azuis, brancos, vermelhos, amarelos. Todos se
mesclando. Cinza.
Com o som, veio o movimento de pernas e de asas que correram
e voaram e foram levar cada qual seu mundo a outros mundos
nascentes.
Mas correram e voaram tanto que se perderam pelos verdes e
azuis daquela terra. (TERÇO, 1973)

Aos 25 anos saí da casa dos meus pais, exatamente no dia 3 de abril de 2016.

Na noite anterior à mudança, ao terminar de encaixotar os objetos do meu quarto, estava na companhia da minha irmã mais velha e de minha mãe. Conversávamos descontraidamente, minha mãe me perguntava coisas do tipo como era a casa para onde eu iria e quando seria o “chá de casa nova”. Ríamos, mas no fundo do meu coração sentia um grande aperto, uma dor que aumentava na medida em que o quarto se tornava vazio. Minha mãe, assim como eu, também parecia não acreditar que aquilo estava acontecendo e se distraía com os planos da minha irmã mais velha em decorar o meu quarto que passaria a ser da minha irmã caçula. Já na hora de dormir, minha mãe se aproximou de mim, me abraçando e me perguntando se eu tinha certeza que queria ir embora, lhe disse que sim com muitas lágrimas caindo em meu rosto. Chorando, ela me pegou pelos braços e me disse que a sua casa será sempre minha também, e que eu poderia contar sempre com ela. Nos demos boa noite, um sorriso, e fomos dormir. Lembro bem algumas cenas da casa dos meus pais na manhã seguinte: meu pai estava no quarto dormindo ou fingindo dormir, minha mãe estava na cozinha, minha irmã caçula havia ido pra missa, minha irmã mais velha não havia dormido em casa. O primeiro quarto estava vazio, pois minha avó que o ocupava, havia retornado à sua casa na semana anterior. O segundo quarto era o meu e estava lá me esperando para a última despedida. O caminhão que fez o transporte chegou à casa dos meus pais por volta das sete horas da manhã. Depois de ter colocado todos os meus objetos

no caminhão e de algumas lágrimas abraçadas com minha mãe, eu entrei no carro e parti. Ao bater a porta, eu desabei em um choro muito dolorido.

Exatamente um ano depois no dia 3 de abril de 2017, às cinco horas e quarenta e nove minutos da manhã, dei a luz a um ser de quarenta e nove centímetros e dois quilos e quatrocentos e oitenta e oito gramas que veio ao mundo de parto natural, sem nenhuma intervenção desnecessária de medicamentos. Veio sob o efeito de tantos hormônios produzidos pelo meu corpo em parceria daquele minúsculo corpo que ao nascer mudou por completo seu próprio nome e nossas vidas. Ana Alice, assim seria chamada, mas, as tantas horas em dor, a sutil visita de um chuvisco e o fabuloso canto de bem-te-vi, anunciavam a chegada de Aurora, que assim foi chamada logo após o seu nascimento. Ainda sob o efeito da ocitocina fui para o leito e amamenteei com toda a minha certeza de ser mãe e que assim seria para o resto da minha vida. Receber e acolher aquele **corpo-recém-parido** além dos cuidados de um bebê foi sem dúvida a maior montanha que já escalei na vida; foi lento, cansativo, dolorido; a minha maior cicatriz que dela faço ressoar para além de mim.

Cena III: Despertar do sonho

A água foge tropeçando em pedras. O verde vivo ferve, borbulha, evapora-se em bolhas brilhantes e tudo dança através da terra. A luz, por fim, toca o solo já não mais frio e escuro. É o despertar para o sonho. (TERÇO, 1973)

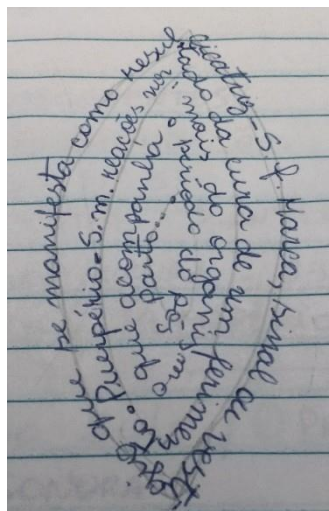
A maternidade me mostrou outras formas não apenas no meu corpo, como também de pensar e agir. Despertou outra vida na qual eu não fazia ideia existir em mim. Gerar e parir foram, sem dúvida, a maior das experiências que meu corpo viveu. Foi troca, doação, devoção e desprendimento total de vaidades de ser. Desprendimento, exercício de desapegar-se, como diz a música “O seu amor, ame-o e deixe-o ser o que quiser” [GIL, 1975]. Desapegar-se, sobretudo daquele ser que foi gerado em mim durante trinta e nove semanas. Perceber o crescimento diário, ver correr e caminhar cada dia mais distante é ter a certeza que um dia ela colocará seus objetos num caminhão ou numa mochila às sete horas de uma manhã qualquer e sairá para seguir sua vida longe de mim, assim como fiz ao sair da casa de meus pais. São ciclos que se fecham e se abrem nas nossas vidas constantemente. Minha vida ganhou outros sentidos, vou diariamente ao encontro da minha criança que existe em mim, e ela é frágil também. É curiosa e forte. Em cada olhar que disparo para minha cria, percebo o quanto de amor eu curo na loucura que é ser mãe. Após o nascimento da Aurora, me vi em um emaranhado de sentimentos, havia tanto o que fazer com e para aquele ser e eu não sabia como. Segui intuitivamente cada momento; éramos recém-chegadas a esse novo mundo, ela, por ser uma criança recém-nascida e eu, por ser uma mãe recém-parida. Tem coisas que ninguém diz quando você está grávida, ninguém fala do que você poderá sentir emocionalmente no pós-parto. Muito se diz sobre os cuidados com a criança e com você, porém, logo é esquecida, e tudo se volta ao bebê. Eu estava feliz, minha filha saudável, mas não compreendia porque sentia uma dor profunda, era um luto de mim mesma, era a certeza de que nunca mais seria a mesma, e isso tudo é desprender-se de si. E é essa a nova configuração de pensamento que me foi ativada com a maternidade, com este corpo materno em constante movimento e que vive em constante manifesto, por que não? Revelar-se, expor-se é o que me acontece, por

exemplo, quando estou longe dela e deixo que se percebam quando os seios vazam molhando a camisa, ou quando choro ao me perguntarem sobre ela, ou quando me revelo leoa ao sair com ela sozinha; isso tudo é ser MÃ(E)triz, um corpo em constante movimento, uma mulher atuante que vive por um triz com seus sentimentos, um corpo que transborda, que exala, alegrias, tristezas, segurança e insegurança, medo, força, fragilidade, é um **corpo-fera enquanto performance.** um

ÚTER(O)CA, na poética de um corpo abrigo.

A primeira mamada me trouxe um choro de alegria e sei lá o que, chorei por mim e por todas que ali estavam, chorei pelo meu corpo flácido, chorei pela sujeira do hospital público, chorei o esforço de meses planejando o parto de minha filha. Não foi como e onde havia escolhido, mas foi natural. No meio da furação eu me peguei em frente ao espelho enxugando minhas lágrimas, me acolhendo e pedindo perdão pra todas as mulheres que em minha vida eu vi se tornarem mães, eu não visitei, eu não abracei, eu não sequei as lágrimas. Perdão minhas irmãs, perdão! Olhando com cuidado para esse outro corpo, eu o acolhia, aceitava e dava boas-vindas. Chorei pela mulher que havia partido e pela mulher que agora me tornara, era luto. Chorei por longos dias, era um rio que descia e lavava minha carne. Ao meu redor só havia cheiro de leite, e de repente o meu mundo se resumia em troca de fraldas, banhos, as tetas se enchiam enquanto o corpo sangrava sarando, chorei o sono, a dor, chorei a ausência de minha mãe, a dificuldade de amamentar, chorei [Cena MÃ(E)triz: um corpo movente, 2018].

ATO II – PROCEDIMENTOS Cena I: elementos



CONSTRUINDO METODOLÓGICOS disparadores

Imagem Indutora feita em 20 de junho de 2018, no meu caderno de anotações. Foto: Ana Luiza Aragão.

E assim foi meu puerpério, um caminho solitário. E foi esse momento particular e muito íntimo da minha vida que levei para a construção do meu trabalho cênico, pois para se falar em dramaturgia de atriz é necessário que se fale dessa artista.

“Exposto os intercessores deste criador, é preciso conseguir revelar os princípios de sua criação. Estes princípios são aquilo que, de maneira alguma, ele pode abrir mão. São pensamentos-ações, isto é, pensamentos que movem as ações, em todas as atividades cotidianas, principalmente, as experimentações criativas”. [LIMA; 2004, p.49]

Para a construção deste solo, busquei na memória ainda recente tudo aquilo que havia marcado o meu puerpério. Revi fotos e vídeos do meu trabalho de parto e do nascimento da Aurora. Queria partir de algo novo, não queria trazer à tona a cena que havia apresentado ano anterior, era minha vida revirada pelo avesso, com suas vísceras a mostra. A construção dramática no meu trabalho cênico partiu de um texto que eu havia escrito sobre o meu puerpério (texto citado na página anterior), a ele, acrescentei a paisagem sonora do meu dia a dia e o café da manhã do mesmo dia da apresentação do solo, por entender que minha pesquisa está em constante movimento de criação.

Trabalhar com a paisagem sonora foi para mim uma grande possibilidade, pois alteraria a percepção auditiva do espectador. Parte da iluminação do solo era manipulada por mim, eu utilizei uma “gambiarra” (espécie de luminária), objeto cênico que eu própria construí como atividade de outra disciplina: Dramaturgia da Luz. Utilizei também, como objeto cênico, uma bacia de alumínio com água, fazendo referência ao meu primeiro banho e aos líquidos que vazavam desse **corpo-materno** no momento pós-parto. Desse modo, organizo a construção da cena partindo desses elementos como várias dramaturgias, “do ato”, “do espaço”, “sonora”, “narrativa”.

Cena II: descrição do solo



Figura 1: O parto. Foto: Danielle Cascaes.

A cena inicia-se em *blackout*, a narrativa começa lentamente acompanhada de uma paisagem sonora ao fundo. Ao término da narrativa vem o rasgar da Aurora (choro da minha filha recém-nascida), momento em que acendo a luz acima da minha cabeça, revelando a minha imagem ao espectador (imagem I - O Parto). Fico por alguns segundos até que movo aos poucos a luz em torno de meu corpo, momento que denomino como Desvelar o **corpo-materno** (Imagem II).



Figura 2: Desvelar do corpo. Foto: Danielle Cascaes

Desço a gambiarra, coloco no chão e improviso movimentos corporais dentro do meu vestido, momento que denomino como Desalinho (Imagem III).

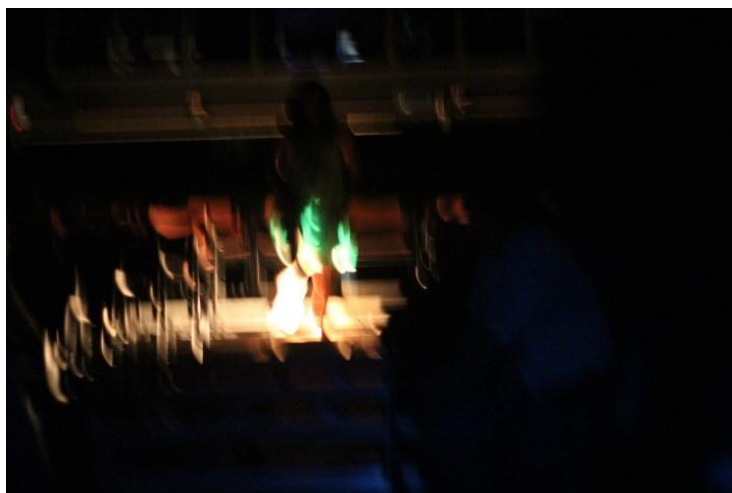


Figura 3: Desalinho. Foto: Danielle Cascaes

Desço os degraus e me movo lentamente cantando “Mamãe, mamãe não chore, a vida é assim mesmo, eu preciso ir embora...” [VELOSO, 1998]. Ao ficar defronte ao público, repito diversas vezes a frase “ser mãe é desdobrar fibra por fibra os corações dos filhos, seja feliz, seja feliz”. Revelo ao público minha dor, a minha lenta aceitação e acolhimento deste corpo, mergulho meu vestido na bacia, lavando a minha carne e deixo que minhas lágrimas/água da bacia escorram por entre os meus dedos. Converso com público e deixo demasiadamente minha emoção tomar conta de mim. Ao retomar de si, visto novamente o vestido num ciclo que não se fecha, mas que vive em constante movimento de um **corpo-materno**.

A arte, vale lembrar, é do domínio do fazer, e pede um manuseio de instrumentos objetivos, materiais, operativos. Lembremos uma vez Stanislavski: “Não podemos lembrar os sentimentos e fixá-los. Nós só podemos lembrar a linha das ações físicas”. Assim, as bases de nosso edifício não podem ser as emoções ou os sentimentos. Há de se construir parâmetros objetivos, corporeidades, e assim, permitir que as emoções se movam provocando sensações musculares que serão então sentidas e vividas pelo ator. Agindo desta forma podemos estar entrando em contato com um universo além do das emoções, como a “memória muscular”, “o corpo- memória” ou a “corporeidade antiga”, no sentido

passado, do passado longínquo. [Burnier Apud FERRACINI,2013, pág. 118]

A emoção que surgiu em cena não partiu de nenhuma ação física, o que me fez perceber após a apresentação a camada superficial em que ficou a chegada dessa emoção que me fez ir às lágrimas, mas não causando os impulsos necessários para causar um efeito sinestésico ao espectador. “Para serem ações *reais*, devem necessariamente ter origem na espinha dorsal e se irradiar por todo corpo, alterando sua tonicidade muscular” [idem]. Não havia criado nenhuma *partitura corporal* para esse momento e sentia no meu corpo a necessidade de ter algo mais sólido para que quando chegasse a emoção da lembrança do meu puerpério eu pudesse ter um maior controle desse momento, algo que revelasse no espectador não apenas como um choro de emoção mais algo para além disso, algo que tivesse sido construído de maneira íntima com o meu corpo.

Sobre maternidade e escrita de meu TCC

Estava me sentindo muito sufocada, senti meu corpo enrijecido, duro, ranzinza, esquisito, saudosos demais... Percebi meu corpo transbordar tudo ao mesmo tempo, a alegria, fragilidade, tristeza e revolta. Era tanto amor, e porque doía tanto? Porque esse corpo que transborda sente tudo aumentado, senti na pele, nos pêlos, olfato, audição e paladar. Esse corpo que transborda é o corpo de uma fera, uma mulher, uma mãe. Somos assim, atentas demais, seguras demais, fortes demais e somos o oposto de tudo isso, eu me descobri assim, no oposto desta maternidade repetida em frases e flores que cheiram a rosas. Descobri meus erros e descobri que não sou tão “forte quanto o escuro do infinito”, quantas vezes quis sumir, quantas vezes desejei colo. Descobri-me na dor da ausência, na falta de apoio, elogio, encorajamento e compreensão o

ser MÃE. Descobri que meu corpo transborda e que não há tempo de descanso. Agora ando encharcada do excesso de ser o que sou, fui me construindo na observância da vida, nos erros avulsos que me permiti viver, me perdoou a cada passo, lançando o pretérito perfeito, rasgo com minhas garras e mostro uma nova eu...

Inacabado, saí para levar a filha ao banheiro.

08.12.19

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética Do Devaneio**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988.

CATTO, Felipe. Música **Saga**.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. **Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de em si**. Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio, 2019.

FERRACINI, Renato. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

GIL, Gilberto. Música **Doces Bárbaros**.

LIMA, Wlad. **Dramaturgia Pessoal do ator**, 2005. A história de vida no processo de criação de Hamlet – Um Extrato de Nós com o Grupo Cuíra em Belém do Pará. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, 2004.

MERCÊS, Cesar de. HINDS, Sérgio. CANTUÁRIA, Vinícius. **TERÇO**. Long Playing. Continental. 1973.

MIYAZAKI, Hayao. Filme **Whisper of the heart**, 1995.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil**. Ed: Global, 3 ed: 2015.

SCHULER, Donald. **Heráclito e seu (dis)curso**. L&PM Pocket, dez de 2007.

VELOSO, Caetano. Música **Mamãe Coragem**.